

IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES BRASILEIRAS

GLOBALIZATION IMPACTS IN BRAZILIAN ORGANIZATIONS

IMPACTOS DE LA GLOBALIZACIÓN EN LAS ORGANIZACIONES BRASILEÑAS

Ari Melo Mariano¹, Joyce Moura Vêras², Adriano Jardim da Silva³, Fernando Gutierrez do Santos Sampaio⁴, Lucas Moraes Guaritá dos Santos⁵.

RESUMO

Este artigo desenvolve um estudo analítico sobre os impactos da globalização nas organizações brasileiras no contexto contemporâneo, visando direcionar e ampliar o conhecimento a cerca do assunto. É enfatizado o processo de surgimento da globalização no mercado mundial e a criação de laços de interdependência e interação entre as nações que, apesar de distintas, fluem simultaneamente para os mesmos objetivos e interesses. Com o objetivo identificar os principais impactos da globalização nas organizações brasileiras o estudo evidenciou seus efeitos nas organizações brasileiras. Infere-se do artigo uma crescente preocupação do Brasil, assim como os demais países

sul-americanos sobre sua situação da economia, sobretudo se comparadas com a situação econômica dos países asiáticos. Em uma pesquisa em 806 artigos da base de dados scielo foram encontrados 10 trabalhos relevantes e atuais e suas contribuições sobre os impactos da globalização nas organizações brasileiras.

Palavras-chave: Globalização, Organizações brasileiras, Impactos da globalização.

ABSTRACT

This article develops an analytical study on the impacts of globalization in organizations in the contemporary context order to direct and expand knowledge about the subject. The process of emergence of globalization on the world market and the creation of ties of interdependence and interaction between nations, although distinct, flowing simultaneously for the same goals and interests is emphasized. In order to identify the main impacts of

¹ Professor/Pesquisador de Agronegócios na Universidade de Brasília(UNB) nas disciplinas de Métodos Quantitativos e Sistemas Agroindustriais e Professor no Curso de Administração do Centro Universitário de Brasília. mktmariano@gmail.com

² Graduanda em Administração. joycemv@gmail.com

³ Graduando em Administração. adriano_jardim@hotmail.com

⁴ Graduando em Administração. fgssampaio@hotmail.com

⁵ Graduando em Administração. lucasmoraes1@gmail.com

globalization in organizations. The study showed its effects in organizations. It is inferred from the article a growing concern of Brazilians, as well as other South American countries on the state of the economy, especially compared with the economic situation of Asian countries. In a survey of 806 base articles scielo 10 data relevant and current works and contributions on the impacts of globalization have been found in Brazilian organizations.

Key-words: Globalization, Brazilian organizations, Impacts of globalization.

RESUMEN

En este artículo se desarrolla un estudio analítico de los impactos de la globalización en las organizaciones en el contexto contemporáneo , con el fin de dirigir y ampliar los conocimientos sobre el tema. Hizo hincapié en la aparición proceso de globalización en el mercado mundial y la creación de lazos de interdependencia e interacción entre las naciones , aunque distintas , mientras que el flujo de los mismos objetivos e intereses . Con el fin de identificar los principales impactos de la globalización en las organizaciones el estudio mostró sus efectos en las organizaciones. De ello se desprende del artículo de una preocupación

creciente en Brasil, al igual que otros países de América del Sur sobre su estado de la economía , especialmente cuando se compara con la situación económica de los países asiáticos. En una encuesta de 806 artículos de la base de datos SciELO encontrado 10 trabajos relevantes y actuales y sus aportaciones sobre los impactos de la globalización en las organizaciones.

Palabras clave: Globalización, organizaciones brasileñas , Impactos de la Globalización .

1 INTRODUÇÃO

Muito tem se falado sobre globalização, mas foi a partir da década de 80, com a revolução tecnológica em alta, com a inserção da informática associada com as tecnologias de telecomunicação e com a queda das barreiras comerciais que a globalização passou a ter uma influência maior na sociedade.

Nas últimas décadas, a crescente interdependência política e econômica mundial estimulou a discussão sobre globalização. Esse fenômeno pode ser definido como um processo pelo qual as atividades estatais são fragmentadas em favor de uma estrutura de relações entre diferentes atores que operam em um contexto que é global. Por conseguinte,

é possível identificar algumas implicações do fenômeno para os países, das quais se destacam duas: perda de soberania e perda de controle dos processos de tomada de decisões e os consequentes resultados (HELD e MCGREW, 2001).

Os impactos gerados pela globalização podem ser de diversos tipos: no âmbito social ajudou no maior acesso da população a novas tecnologias, inclusive na área médica e farmacêutica, em uma melhor distribuição de renda entre os países; culturalmente falando a globalização fez países secularmente fechados terem um pensamento mais liberal, como a China. Observa-se ainda que a evolução da computação trouxe uma maior competitividade. No âmbito econômico a globalização afetou principalmente os países emergentes tanto no que atinge ao aumento de sua participação no mercado mundial, quanto aos fatores políticos que vem causando dano como as altas taxas de juros, austeridade fiscal, privatização e reconstrução do mercado financeiro.

Com um ambiente competitivo em crescimento, algumas empresas estão se unindo para competir melhor no Mercado. Desse modo, o expressivo crescimento do processo de fusões e aquisições em âmbito mundial obteve

reflexos no Brasil. O ingresso de Investimento Direto Externo (IDE) estava fortemente associado ao processo de privatizações e ao fenômeno de fusões e aquisições. Assim, o Brasil se tornou um grande receptor de IDE assumindo a posição de destaque entre os países emergentes.

Esta economia crescente e diversificada dos países emergentes depende principalmente da capacidade de criar empresas capazes de sobreviver, gerando trabalho e renda para a população economicamente ativa, de maneira sustentável por longos períodos de tempo, levando estes países a alcançar um patamar superior de produção de bens e serviços e um posicionamento mais estratégico na economia global (FERREIRA et al, 2012).

Assim, o processo de globalização destacou-se, no Brasil, a partir da década de 90 com a abertura comercial e econômica seguido de programas de privatização, necessidade de modernização tecnológica, reformas estruturais e quebra de monopólios. A sua introdução na economia demandou modelos e práticas de gerenciamento baseados em experiências internacionais que causaram impacto na cultura organizacional brasileira, aglutinando e gerando um modelo adaptado para o

país. A expectativa de que a entrada de investimentos e práticas de administração estrangeiras pudesse acelerar a distribuição de novas tecnologias e a reunião das economias locais com um mercado global não prosperou e tomou-se mais a crise social (LASTRES et al, 1998).

Estes impactos de ordem social, econômica e competitiva refletem na maneira de gerir um país. No Brasil, o espaço da governança vem sendo rigorosamente negligenciada sob as argumentações de uma visão particular de globalização que foi propagada e praticada ao longo da última década. Até o início dos anos 1990, a porcentagem de abertura econômica brasileira era um dos menores entre os países ocidentais. Empresas estrangeiras e domésticas se beneficiaram das medidas protecionistas do mercado brasileiro até que políticas de liberalização comercial foram inesperadamente adotadas (FURTADO, 1999).

Assim, observando o contexto onde a globalização possui um alto grau de influencia na economia, sociedade e cultura organizacionais, surge a pergunta: Quais os principais impactos da globalização mais relevante para as organizações brasileiras?

Este trabalho justifica-se socialmente pois o estudo destes fatores podem nortear melhor as decisões da empresas e do governo em suas estratégias, promovendo um aumento do desempenho destas organizações, promovendo um crescimento de empregos no país.

Cientificamente este trabalho é validado através do crescimento de estudos na área conforme pesquisa na base de dados da Scielo, disponível em: (www.scielo.org) onde foram encontrados 809 artigos relacionados ao tema globalização, distribuídos de forma crescente, demonstrando interesse nesta área nos últimos anos, como pode ser observado no gráfico 1. Pode-se perceber uma queda nos últimos, devido a atualização tardia da base de dados.

Gráfico 1- Publicações ano a ano sobre globalização



Fonte: Scielo.org

Uma vez delimitado o problema da pesquisa e sua importância, este estudo tem como objetivo geral identificar os principais impactos da globalização nas organizações brasileiras. Para atingir este objetivo e responder este problema será utilizado o método exploratório, visando familiariza-se mais com o tema proposto.

2 GLOBALIZAÇÃO

Na década de 50, o conceito de economia internacional referia-se ao conjunto das economias domésticas, onde prevaleciam obstáculos ao comércio internacional como meios de transporte caros e pouco regulares, fluxo de informação descontínuo onde as empresas estavam centradas no mercado interno. Em consequência direta as economias nacionais, havia o enfraquecimento e a interdependência,

seja pela via do comércio geralmente interindustrial, seja pela via de comércio internacional de capital, que corriam dos países desenvolvidos para os menos desenvolvidos e que assumia uma forma de aplicação financeira (CASTRO, 1998).

O termo Globalização surgiu nos Estados Unidos da América nos anos 60, e foi popularizado através de livros e artigos de consultores de estratégia e marketing dos anos 80. Com a inserção deste conceito na mídia, rapidamente foi aceito pelos adeptos do discurso neoliberal.

Antes de o termo globalização passar a ser utilizado com frequência é preciso entender que foi apenas a partir do final da Guerra Fria que é tido o início da globalização moderna, forjada pelo medo de que futuramente pudesse voltar a acontecer conflitos. Assim as

nações passaram a criar mecanismos diplomáticos e comerciais com o intuito de aproxima-las cada vez mais. E foi a partir da década de 80 com a revolução tecnológica estava em alta e a inserção da informática associados com as tecnologias de telecomunicação e com a queda das barreiras comerciais que a globalização passou a ter peso na sociedade.

A globalização é, então, a fase atual da economia mundial, caracterizada por interdependentes sistemas produtivos de base regional e/ou nacional abertos sobre o exterior que acomodam uma diversidade de subsistemas produtivos setoriais de base empresarial. (CASTRO, 1998)

Santos (2000, p. 23) denomina a globalização como globalitarismo, a que define da seguinte forma:

Entre os fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, encontram-se a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. São duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos –

isto é – dos globalitarismos a que estamos assistindo.

Fiori (1997, p. 32) argumenta de forma a seguir o pensamento de Santos e sugere incorporar outras dimensões ao termo falando que:

A globalização, apesar de ser um neologismo muito pouco preciso, aponta para um processo de transformações cujas origens e consequências são muito mais complexas, por envolver inúmeras dimensões não econômicas num intrincado processo de decisões privadas e públicas tomadas na forma de sucessivos e inacabados desafios e ajustes. (p. 23-27)

Já Marcuse (2000) discute que o termo é discutido de forma subjetiva, com falta de clareza, parecendo um catálogo de tudo que é diferente aos anos 1970. A maior contribuição de deste para conceituar o termo globalização seria a consideração do termo como algo que não é novo, mais sim uma forma particular do capitalismo já existente, uma amplificação das relações capitalistas em dimensões mundiais, atingindo ainda mais os aspectos da vida humana.

Analisando de forma mais crítica a globalização existe há muito tempo, desde a época das grandes navegações, pois foi a partir deste ponto que os

países passaram a interagir de forma mais ampla. A globalização do qual é vivenciada atualmente pode ser melhor denominada como globalização tecnológica que forma a base material da sociedade informacional, como diz Castells (1997): O fim informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, processamento e a transmissão de informação se convertem em fontes fundamentais da produtividade e do poder, devido a novas condições tecnológicas que surgem neste período histórico.

A globalização pode ser entendida como diferentes conexões e inter-relações nas mais diversas áreas, englobando todas as nações que compõem o sistema mundial atual. É um processo pelo qual todas as notícias, decisões e acontecimentos geram impactos a nível mundial, cada vez mais rápido atingindo o comportamento, cultura, crenças e valores das mais distintas comunidades (MCGREW, 1996).

Desse modo, a globalização cria laços de interdependência e interação entre as nações que, apesar de distintas, fluem simultaneamente para os mesmos objetivos e interesses. A partir desse contexto, as organizações passam a formar alianças estratégicas, percebendo

que a colaboração e parceria dita o mercado mundial, facilitando interações, aumentando lucros e possibilitando o ganho de espaço em um contexto globalizado em que tudo está em constante criação, adaptação e inovação.

A ideologia da globalização, na verdade, tem servido como maneira de o governo transferir a responsabilidade das variações econômicas e sociais para o âmbito supranacional. Perante tais entendimentos pode - se dizer que o termo globalização não apresenta consistência conceitual, pois conforme diferentes indicadores, ainda a maior parte do consumo da produção mundial são de produtos do próprio País e a poupança doméstica contribui com a grande porcentagem da formação de capital. Por outro lado, com o crescimento tecnológico, possibilitando a rápida difusão de informações a nível mundial e a custos menores, estimulou o processo de globalização nas últimas décadas. (LASTRES et al, 1998).

O termo globalização é muito amplo, abrangendo muitas áreas possibilitando categorizar o conceito em algumas áreas de influência como: globalização cultural, entendida como o meio no qual se desenvolvem o intercâmbio das várias culturas dos vários países, devido às trocas de

peças de uns países para outros, nações que sempre foram considerados conservadores e extremistas, estão se rendendo a nova tendência mundial de liberação econômica para o exterior.

Nas últimas décadas, vários países tiveram muita necessidade de ampliar os seus mercados, fazendo com que começassem a expandir internacionalmente. Isto vem comprovar que a globalização da economia é o processo através do qual se expandem os mercados e as fronteiras nacionais parecem mesmo desaparecer. Em termos econômicos, a globalização caracteriza-se pela total liberalização de circulação de pessoas, bens e serviços. Atualmente os grandes beneficiários desse momento são os países com grandes economias de exportação, com um mercado interno forte e cada vez maior presença mundial. Desse modo, observa-se uma internacionalização do capital, que teve início com extensão do comércio de mercadorias e serviços, passou pela expansão dos empréstimos e financiamentos generalizando o deslocamento do capital industrial através do desenvolvimento das multinacionais.

A globalização econômica também veio contribuir para um aumento da qualidade de vida mundial. O acesso rápido a novas tecnologias,

como novos medicamentos, novos equipamentos cirúrgicos e técnicas, aumento na produção de alimentos e baixa no custo dos mesmos, tem causado nos últimos anos um aumento generalizado da longevidade dos países emergentes e desenvolvidos.

Socialmente observa-se que a globalização está ausente em algumas regiões e, por outro, ela ocorre de forma lenta e sem muito interesse. Não se observa, por parte dos dirigentes organizacionais, o mesmo interesse demonstrado pela globalização econômica. O que ocorre é a ação isolada de organizações, principalmente não governamentais, no sentido de alertar para a questão. As tecnologias não são utilizadas de forma intensiva, para busca de melhores condições de vida para as populações, como ocorre nas explorações econômicas e financeiras. Muitas lideranças e governantes fazem belos discursos sobre a questão, mas apresentam poucas ações na busca de uma globalização social. Cada vez mais é preciso uma economia social e solidária, que corresponda a outros critérios necessários à vida em sociedade e não somente aos resultados econômicos. (ROSALEM e CARLOS, 2010)

De acordo com uma análise do Estado Nacional na globalização e em

seus efeitos negativos para a sociedade atual pode-se identificar duas vertentes. Por um lado, existe a crença de que o Estado nacional já não cumpre papel importante no capitalismo atual por falta de influência e subordinação em relação às gigantescas e poderosas corporações multinacionais e seus aliados mundiais. Esta parece ser a visão convencional da globalização e supõe que a tendência natural do desenvolvimento capitalista, particularmente a sua internacionalização, submerge o Estado-nação. Segundo este ponto de vista, quanto maior a internacionalização ou globalização do capital, mais restrito o papel do Estado nacional. Por outro lado, existem aqueles que discordam desta posição por entender que o Estado ainda é fundamental para a defesa dos interesses dos grupos dominantes e corporações multinacionais, principalmente nos países ditos desenvolvidos ou do Primeiro Mundo (TANZER, 1995; MEISKINS, 1999).

Além disso, é possível apontar inúmeros efeitos negativos que a globalização trouxe mundialmente como: crescente poluição da água, ar e solos, fruto das chamadas externalidades da produção de químicos tóxicos sem controle ambiental e social. O efeito estufa e a redução da camada

de ozônio seriam as ameaças mais sérias da enorme crise ecológica que afeta o planeta, crescimento acelerado da pobreza e da desigualdade em quase todos os países do mundo, com exceção de casos raros como a China. De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas de 1999, mais de 80 países tinham renda per capita, em 1999, menor que na década anterior. Além disso, o mesmo relatório revela que a renda líquida dos 200 indivíduos mais ricos do mundo aumentou de 440 bilhões de dólares para mais de 1 trilhão de dólares entre 1994 e 1998, nas relações trabalhistas constata-se perda de direitos conquistados pelos trabalhadores no pós-guerra, erosão da democracia pela enorme concentração de poder nas mãos de pequeno número de indivíduos e corporações, fazendo com que os poderes públicos se tornem verdadeiras cadeias de transmissão destes interesses.

3 IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

Acerca do processo de globalização pode-se inferir que não há um benefício a todos de maneira uniforme. Uns ganham muito, outros ganham menos, outros ainda, perdem. Podemos desta forma, apresentar impactos que melhor exemplifica esta

abordagem dentro dos principais setores da sociedade como no setor industrial, social, político e de comunicação.

Nas últimas décadas, no segmento industrial e serviços observou-se que a maioria dos serviços antes realizados de forma artesanal foram substituídos por máquinas e que seus produtores passaram a constituir a classe de trabalhadores assalariados. Estes passaram a cumprir determinada jornada de trabalho, tiveram que aprender a manusear as máquinas e as ferramentas. A medida que a mão de obra se tornava especializada, foram surgindo contínuas lutas e conquistas quanto ao nível de salário, o limite da duração da jornada de trabalho, horas extras, adicionais de insalubridade, periculosidade, restrições ao menor e a mulher, dentre outros. As áreas que antes eram rurais foram ganhando indústrias altamente poluentes e com o avanço tecnológico o nível de desemprego subiu (FRANCO e DRUCK, 1998).

A comunicação encontrou maior força com a internet, possível graças a acordos e protocolos de diferentes entidades privadas da área de telecomunicações e governos no mundo. Isso permitiu a possibilidade de transmissão de informações a nível

mundial. Por outro lado, muita coisa indevida também é vista por ela.

Na qualidade de vida, as pessoas vêm tendo acesso a novos medicamentos, equipamentos cirúrgicos e técnicas, aumento na produção de alimentos e barateamento dos mesmos. Em decorrências desses avanços tecnológicos, as pessoas trabalham mais e mudam seus hábitos alimentares, trocando o preparo e consumo de alimentos, por restaurantes, lanchonetes, comidas de rua ou conservadas. Esta prática tem sido objeto de preocupação para a medicina, já que algumas doenças crônicas são associadas à alimentação (GARCIA, 2003).

No aspecto político o processo de globalização tem apresentado mais danos do que benefícios: austeridade fiscal, altas taxas de juros, liberalização do comércio, liberalização dos mercados de capitais, privatização e reestruturação do mercado financeiro. Na teoria esses procedimentos não são ruins, mas na prática tem trazido desvantagens aos Países em desenvolvimento (STIGLITZ, 2003).

A Globalização tem exercido uma influência tão significativa no mercado, que os negócios ultrapassam as barreiras regionais e procuraram instalações de filiais ao redor do mundo. No aspecto econômico e social há uma

integração à nível mundial no sentido de que o produto independentemente da sua origem possa ser oferecido em qualquer parte do planeta, colocando o mercado e o consumidor como pontos-chaves para o processo de globalização. As empresas matriz precisam do seu Estado nacional para se legitimar e para contar com abrigo político e ressalvas jurídicas na atividade do mercado interno e no mercado mundial. Os Estados nacionais dos Países desenvolvidos aumentam seu poder de influência e intervenção sobre os Estados dos países em desenvolvimento e lança a marginalização econômica os países mais pobres.

Dentro deste contexto, as organizações passaram a se preocupar com o nível de conhecimento dos seus funcionários, exigindo uma segunda língua, principalmente o inglês, formação superior, informática e facilidade de comunicação. Devido a essas exigências e ao avanço tecnológico a realidade do desemprego veio a tona, afinal a revolução tecnológica possibilita aumento da produtividade e da produção, enquanto as necessidades humanas reclamam maior quantidade de bens e serviços (GORENDER, 1997).

O crescimento do mercado interno emergiu como principal fator de

dinamismo das economias capitalistas devido a interação de duas forças que estão na base da flexibilidade das economias industriais: a introdução de novas técnicas que aumentam a produtividade do trabalho e reduzem a mão de obra; e a expansão do poder de compra da população. O equilíbrio dessas forças se dá à arbitragem realizada pelo Estado, através da política econômica. Pois se prevalecer as forças correspondentes às novas técnicas tende a recessão e por outro lado predominar as forças que pressionam um aumento de salário, a tendência é a inflação.

O que impulsiona dinamicamente a economia globalizada é a capacidade de inserção internacional e de forma secundária as iniciativas geradas pelo mercado interno. Se uma economia perde competitividade externa, dificilmente poderá alcançar uma taxa de crescimento elevada. O maior desafio das economias industrializadas é instalar-se no processo de globalização de maneira adequada, capaz de solucionar problemas específicos e se auto-organizar. O outro obstáculo a enfrentar é o da desconcentração da renda e da simultânea elevação da taxa de poupança (FURTADO, 1996).

4 MERCADO BRASILEIRO

Desde o início da década de 80, a globalização dos mercados financeiros e a rápida mudança organizacional e tecnológica, têm transformado de forma significativa a economia mundial. Ao mesmo tempo em que a globalização das finanças, do gigantismo e da volatilidade do movimento de capitais, uma onda de desregulamentação e de liberalização ganhou força e reduziu o comando dos Estados Nacionais no campo da política industrial e tecnológica. As indústrias estabelecidas no Brasil com a abertura do mercado no começo dos anos 90 encontraram desafios devido à exposição ao mercado internacional. Com isso, as indústrias brasileiras entraram em processo de modernização atentando principalmente na informatização e na sintetização organizacional, elevando o índice de desemprego.

Por outro lado, nos países desenvolvidos, há formas mais sofisticadas e melhor enfocadas de incentivos à competitividade que foram criadas pelo Estado e pelos setores privados. No caso do Brasil, este foi enfraquecido devido ao longo período de crise econômica que abalou setores estruturais e desorganizou profundamente o Estado, perdendo a capacidade de ordenar a economia e

financiar o desenvolvimento. Dessa forma observou-se um enfraquecimento da capacidade competitiva da indústria em todos os setores; a fragilidade do avanço tecnológico da concentração econômica para atuar como atores globais, o encarecimento dos custos de capitais que depende do endividamento externo e de recursos fiscais para sustentar uma eventual aceleração da acumulação de capitais (COUTINHO, 1996).

O mercado financeiro brasileiro é o setor da economia responsável pela captação de recursos entre investidores para financiar atividades produtivas ou gerar lucros para investimentos. Tanto instituições privadas como o governo podem realizar a captação e o gerenciamento dessa prática é regulamentado pelo banco central e orientado por três órgãos normativos: o Conselho Monetário Nacional (CMN), o Conselho Nacional de Seguros Privados (CNPS) e o Conselho Nacional de Previdência Complementar (CNPB).

Desde o final do século XX, a economia brasileira tem perdido competitividade internacional: sua atividade exportadora reduziu-se de 0,96% em 1997 para 0,94% em 1998, e 0,86% em 1999. A queda de 1998/99 é significativa no fato de que a perda de

competitividade internacional brasileira é acompanhada pela redução do valor absoluto das exportações durante dois anos consecutivos. Queda de 1998- 99 é particularmente relevante na medida em que a perda de competitividade internacional do País é acompanhada da redução do valor absoluto das exportações durante dois anos consecutivos (GONÇALVES, 2000).

A economia crescente e diversificada dos países emergentes depende principalmente da capacidade de criar empresas capazes de sobreviver, gerando trabalho e renda para a população economicamente ativa, de maneira sustentável por longos períodos de tempo, levando estes países a alcançar um patamar superior de produção de bens e serviços e um posicionamento mais estratégico na economia global.

No Brasil, as micro e pequenas empresas têm participação determinante na economia, totalizando 99% do total de empresas, com 20% na participação do PIB nacional, segundo o IBGE (2010). Segundo pesquisa do SEBRAE e DIEESE (2011), essas empresas respondem por quase 52% dos postos de trabalho do setor privado.

Porém, os altos índices de mortalidade precoce de micro e pequenas empresas comprometem o

crescimento dessas empresas no mercado brasileiro. Segundo pesquisa do SEBRAE-SP (2010) mostra que, de cada 100 empresas paulistas abertas, 27 não ultrapassam o primeiro ano de atividade. Esta proporção aumenta após cinco anos da abertura da empresa para 58% (FERREIRA et al, 2012).

A economia brasileira assim como outras economias latino-americanas estão em uma situação preocupante, sobretudo se comparadas com as dos países asiáticos, com a abertura acentuada à economia mundial as fraquezas dessas economias latino-americanas aparecem com mais nitidez e seus efeitos se fazem sentir mais duramente com o contágio financeiro internacional. Não se trata somente de uma questão de taxas de crescimento, bem mais elevadas na Ásia do que na América Latina, mas da qualidade do crescimento.

As economias latino-americanas estão defasadas tanto na indústria quanto nos serviços. As economias latino-americanas são vulneráveis porque não exportam tantos bens sofisticados, e são mais sensíveis à conjuntura internacional porque se abriram mais. Mais precisamente, no conjunto, a América Latina está ficando atrasada em relação a outros países, especialmente os asiáticos. De fato,

pode-se afirmar que, com a exceção de alguns setores, esses países não souberam se adaptar às transformações experimentadas pela economia mundial nestes últimos 25 anos (grandes inovações tecnológicas na informática e nas telecomunicações, importantes inovações financeiras) (SALAMA, 2009).

A globalização trouxe alguns fatores importantes para o desenvolvimento mundial, evidenciando uma nova fase do contexto histórico, social, cultural e econômico da sociedade. Sendo assim, o desenvolvimento tecnológico e informacional foi essencial para esse novo modelo de integração globalizada.

A tecnologia deu início a uma nova ação tecnológica, econômica, internacional com a substituição gradativa de tecnologias em capital e energia de produção definitiva em massa definidas por uma corrente desenvolvimentista anterior para as tecnologias limitadas em informação.

Nessa nova forma, o conhecimento torna-se um ativo primordial competitivo ao mesmo tempo em que propõe novas normas organizacionais e interação entre empresas e outras instituições, facilitando o avanço estrutural em pesquisa, produção e comercialização.

Evidencia que, multiplicando obstáculos, o trajeto para o conhecimento científico e tecnológico devido a importância estratégica as organizações e governo para o controle das altas tecnologias, procura garantir posições no cenário econômico e político internacional.

Atualmente, o crescente avanço na divulgação e difusão da tecnologia da informação e comunicação (TICs) possibilita uma alteração quanto aos meios de trocas de informação entre agentes individuais e coletivos através de novas tecnologias de armazenamento, processamento e comunicação utilizadas internacionalmente com um custo cada vez menor. Através dessas constantes mudanças, foi convencionado o uso do termo 'revolução informacional' como denominação de um período desenvolvimentista informacional que se reflete em diversos setores da sociedade, como o social, econômico, informacional e cultural (LASTRES et al, 1998).

5 METODOLOGIA

O método adotado foi pesquisa exploratória com a finalidade de proporcionar melhor familiaridade com o tema. O procedimento adotado foi pesquisa bibliográfica, realizada na base

de dados Scielo, onde se encontrou 809 artigos e foram selecionados 28, através da proximidade do tema e por critério de revisão de todos os autores.

Segundo Gil (2008) as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

6 RESULTADOS E ANÁLISE

A globalização gera diversos impactos nas organizações, porém alguns impactos são mais visíveis e diretos que outros para organizações de determinados países. Foi realizada uma

busca na base de dados scielo visando encontrar os trabalhos acerca do tema globalização, impactos e Brasil. Em 806 trabalhos encontrados foram selecionados 10 artigos segundo sua relevância e conexão ao tema proposto. Foi observado que existe uma preocupação dos estudiosos com os impactos que a globalização trouxeram e que poderão trazer para a sociedade. A tabela 1 apresenta estes fatores. Segundo esta revisão, um dos aspectos mais preocupantes é a economia. A globalização econômica trouxe como benefícios um acesso rápido a novas tecnologias, bem como novos medicamentos, novos equipamentos cirúrgicos e técnicas, aumento na produção de alimentos e baixa no custo dos mesmos. Dentre os aspectos menos analisados podemos citar que os aspectos sociais e culturais são os objetos de menos estudo pelos autores citados no quadro.

Tabela 1- Autores relevantes e suas contribuições

Autor	Artigo	Impacto principal da globalização
Ana Lucia Guedes	Internacionalização de empresas como política de desenvolvimento: uma abordagem de diplomacia triangular	Economia
Ari Melo Mariano	Alianças estratégicas internacionais: Uma contestação ao processo global	Formação de Alianças e tecnologia
Anna da Soledade Vieira	Monitoração da competitividade científica e tecnológica dos estados brasileiros. Um instrumento de macropolítica de informação	Tecnologia
Antônio Castro Guerra	Globalização e competitividade: O posicionamento das regiões periféricas	Economia
Carlos Eduardo Siqueira et al	A globalização dos movimentos sociais: resposta social à Globalização Corporativa Neoliberal	Social
Helena Lastres et al	Globalização e Inovação Localizada: Experiências de Sistemas Locais no Âmbito do Mercosul e Proposições de Políticas de C&T	Economia
Joseph E. Stiglitz	A globalização e seus malefícios	Economia
Sandra Yuri Yonekura	Globalização financeira: aspectos positivos e negativos	Financeira
Rebeca Alves Chu et al	Cultura organizacional brasileira pós-globalização: global ou local?	Cultura
Pierre Salama	Globalização e competição	Economia

Fonte: Própria

Pode-se sugerir que apesar da literatura oferecer diversos tópicos sobre o tema, o fator econômico é o mais citado pelos autores e trabalhos apresentados na base de dados scielo, até mesmo quando as palavras chaves são relacionadas a cultura, tecnologia ou cooperação, o fator econômico aparece indiretamente como resultante destes fatores, assim pode-se considerar que o

fator econômico igual aos restante dos países, é o fator mais importante para as organizações brasileiras. Porém foi apresentada através das pesquisas, uma preocupação crescente com o impacto cultural, sendo uma linha a ser pesquisada posteriormente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o ininterrupto avanço da globalização e sua influência em todos

os setores da sociedade ocorrem grandes avanços positivos para o desenvolvimento mundial, possibilitando sua expansão a diversos níveis da sociedade. Porém, os impactos gerados por esse crescimento gerou consequências que não podem ser ignoradas diante cenário global na atualidade.

É possível citar diversos impactos gerados pela globalização nas organizações brasileiras. Entre eles o fator mais importante é o econômico. Embora apareçam outros fatores como a tecnologia, o social e o cultural, é o fator econômico que possui maior influência, inclusive em outros fatores citados anteriormente, apontando sua importância. Muitas lideranças e governantes fazem belos discursos sobre a questão, mas apresentam poucas ações na busca de uma globalização social, nas relações trabalhistas constata-se perda de direitos conquistados pelos trabalhadores no pós-guerra, erosão da democracia pela enorme concentração de poder nas mãos de pequeno número de indivíduos e corporações, fazendo com que os poderes públicos se tornem verdadeiras cadeias de transmissão destes interesses.

O objetivo de identificar os principais impactos da globalização nas organizações brasileiras foi atingido

durante a realização deste artigo, pois ficou evidenciado os principais impactos da globalização e os trabalhos mais relevantes sobre as organizações brasileiras, elucidando assim o problema levantado anteriormente.

Para futuras linhas de pesquisa se aconselha um estudo mais aprofundado entre os fatores econômicos e fatores culturais, uma vez que foi levantado uma forte conexão entre os dois temas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTELLS M 1997. **La era de la información: economía, sociedad y cultura**. Vol I. La Sociedad Red. Alianza Editorial, Madri.
2. CASTRO, Antônio Guerra. **Globalização e Competitividade O Posicionamento das Regiões Periféricas**. Lisboa, maio de 1998.
3. COUTINHO, Luciano. **Globalização e capacitação tecnológica nos países de industrialização tardia: lições para o Brasil**. Vol.3 no.1. São Carlos: Gestão & Produção, 1996.
4. FERREIRA, Luiz Fernando Filardi; OLIVA, Fábio Lotti; SANTOS, Silvio Aparecido; GRISI, Celso Cláudio de Hildebrand; LIMA,

- Afonso Carneiro. **Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo.** Vol.19 n. 4. São Carlos: Gestão & Produção, 2012.
5. FIORI JL 1997. **Os moedeiros falsos.** Ed. Vozes, Rio de Janeiro.
 6. FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça. **Padrões de industrialização, riscos e meio - ambiente.** Vol.3 n. 2. Rio de Janeiro: Revista Ciência e saúde coletiva,1998.
 7. FURTADO, Celso. **Os desafios da globalização.** p.3. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo,1996.
 8. GARCIA, Rosa Wanda Diez. **Reflexos da Globalização na Cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana.** Vol.16 n. 4. Campinas: Revista Nut.,2003.
 9. GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
 10. GONÇALVES, Reinaldo. **Competitividade internacional e integração regional: A hipótese da inserção regressiva.** São Paulo, 2000.
 11. GORENDER, Jacob. **Globalização, Tecnologia e relações de trabalho.** Vol.11 n. 29. São Paulo: Estudos Avançados,1997.
 12. LASTRES, Helena; CASSIOLATO, José; LEMOS, Cristina; MALDONADO, José; VARGAS, Marcos. **Globalização e Inovação Localizada: Experiências de Sistemas Locais no Âmbito do MERCOSUL e Proposições de Políticas C&T.** 01/98. Rio de Janeiro: Nota Técnica, 1998.
 13. MARCUSE P 2000. **The language of globalization.** MonthlyReview 52(3):23-27.
 14. MARIANO, Ari Melo; Alianzas Estratégicas Internacionales: Una Contestación al Proceso Global. BA – Brasil: 2010.
 15. MCGREW, K. S., BRUININKS, R. H. Y JOHNSON, D. R. **Confirmatory factor analytic investigation of Greenspan's model of personal competence.** AmericanJournal on Mental Retardation, 100 (5), 535-545. 1996.
 16. MEISKINS E 1999. **Unhappy families: global capitalism in a world of nation states.** MonthlyReview51(3):1-12.
 17. MOLLO, Maria de Lourdes Rollemberg. **Globalização da Economia, Exclusão Social e Instabilidade.**
 18. ROSALEM V, CARLOS A. **Globalização social: desafio do**

- século XXI.** p. 183-190, mai./ago. 2010.
- 19. STIGLITZ, Joseph E. A Globalização e seus malefícios.** 304 p.(brochura). W.W. Norton, 2003.
- 20. SANTOS M, 2000. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** (2 ed.) Ed. Record,Rio de Janeiro.
- 21. SALAMA, Pierre 2009. Globalização e competição.** 23 (66).
- 22. BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Mondialisation et compétition: pourquoi certains pays émergents réussissent et d'autres non.** Paris: La Découverte, 2009.
- 23. TANZER M, 1995. Globalizing the economy.** Monthly Review 47 (4):1-15.

Sources of funding: No
Conflict of interest: No
Date of first submission: 2014-12-04
Last received: 2014-12-05
Accepted: 2014-12-05
Publishing: 2014-12-19